

A FILOSOFIA DA CIÊNCIA DE PAUL FEYERABEND: O “ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO”

Anna Carolina Krebs Pereira Regner

*Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.*

Endereço eletrônico: ANNA@VORTEX.UFRGS.BR

! - INTRODUÇÃO.

Um dos marcos das reflexões contemporâneas sobre a ciência é representado por Paul Karl Feyerabend (1924-1994), austríaco, doutor em Física pela Universidade de Viena, *doutor honoris causa* em Letras e Humanidades pela Universidade de Chicago, profundo conhecedor de teatro (assistente de Berthold Brecht) e de Filosofia, tendo estado em contato com wittgensteinianos como Elizabeth Anscombe e com o centro de Herbert Feigl nos Estados Unidos e participado do grupo da London School of Economics liderado por Popper nos anos 50, ao que se somam seus notórios debates com Kuhn e Lakatos¹.

Contra o Método é sua obra-chave a favor do que chama de “anarquismo epistemológico”, traduzido na defesa de um “pluralismo metodológico”. A versão dessa obra mais amplamente difundida - e que aqui será seguida - é ainda a da edição de 1975². Cabe, contudo fazer referência e um convite à leitura de sua última edição (*Against Method*, 1993), com alterações feitas pelo próprio autor em 1992, revendo certas posições defendidas em 1975. Na edição de 1975, ao final da sua Introdução, diz que poderá vir um tempo em que seja necessário dar à razão uma vantagem temporária sobre a metodologia anárquica, mas que não pensava que estivéssemos vivendo esse tempo. Em 1992, assim escreve:

“This was my opinion in 1970, when I wrote the first version of this essay. Times have changed. Considering some tendencies in US education (‘politically correct’, academic menus, etc.), in philosophy (postmodernism) and in the world at large I think that reason should now be given greater weight not because it is and always was fundamental but because it seems to be needed, in circumstances that occur rather frequently today (but may disappear tomorrow), to create a more humane approach”. (Feyerabend, 1993 : p. 13, n12)

Em 1992, Feyerabend discute em maior detalhe a questão da “racionalidade” e diz ser possível avaliar padrões de racionalidade e aperfeiçoá-los. Na sequência de seu pensamento, a questão da “racionalidade” - no sentido de saber se sua crítica pretende excluir toda e qualquer racionalidade ou se é dirigida a uma peculiar tradição “racionalista” - adentra-se por uma porta que parece ter deixado, em 1975, timidamente entreaberta. Chama também a atenção para mal-entendidos simplistas de suas idéias, como a que concerne a seu alegado “relativismo”:

“...simple philosophies, whether of a dogmatic or a more liberal kind have their limits. *There are no general solutions.* An increased liberalism in the definition of ‘fact’ can have grave repercussions, while the idea that truth is concealed and even perverted by the processes that are meant to establish it makes excellent sense. I therefore again warn the reader that I don’t have the intention of replacing ‘old and dogmatic’ principles by ‘new and libertarian ones’. For example, I am neither a populist for whom an appeal to ‘the people’ is the basis of all knowledge, nor a relativist for whom there are no ‘truths as such’ but only truths for this or that group and/or individual. All I say is that non-experts often know more than experts *and should therefore be consulted* and that the prophets of truth (including those who make use of arguments) more often than not are carried along by a vision that clashes

¹ Chamado em algumas rodas de “terrorista epistemológico” e, por alguns físicos, de “o pior inimigo da ciência”, encabeçando uma lista formada por Karl Popper, Imre Lakatos e Thomas Kuhn (*Scientific American*, May/1993, p.16). Como professor e pesquisador trabalhou em várias instituições, dentre as quais na Universidade da Califórnia em Berkeley e no Instituto Federal de Tecnologia de Zurich.

² Aqui referida através de sua tradução para a língua portuguesa (Feyerabend, 1977).

with the very events the vision is supposed to be exploring. There exists ample evidence for both parts of this assertion” (Feyerabend, 1993 : p.XIII).

Em seu Prefácio à edição de 1993, Feyerabend situa o seu pensamento no novo estado de coisas que se configurou desde aquela primeira publicação (1975), com as dramáticas mudanças políticas, sociais e ecológicas ocorridas, bem como a nova atitude de médicos e intelectuais, adaptando o conhecimento aprendido para fazê-lo mais eficiente e humano. Proporciona um elucidativo quadro da história e sociologia das ciências contemporâneas, ressaltando que “... estamos bem distantes da idéia platônica da ciência como um sistema de enunciados crescendo com experimento e observação e mantendo a ordem por meio de padrões racionais duradouros “(Feyerabend, 1993 : p.XI).

2 - ‘ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO’.

Inicialmente convém lembrar que “anarquismo” significa antes oposição a um princípio único, absoluto, imutável de ordem, do que oposição a toda e qualquer organização. Na sua tradução metodológica, não significa, portanto, ser contra todo e qualquer procedimento metodológico, mas contra a instituição de um conjunto único, fixo, restrito de regras que se pretenda universalmente válido, para toda e qualquer situação - ou seja, contra algo que se pretenda erigir como “o” método, como “a” característica distintiva, demarcadora do que seja “ciência”.

E o que Feyerabend quer que se entenda por “anarquismo *epistemológico*”? Esse anarquismo difere tanto do ceticismo quanto do anarquismo político (religioso). Ao anarquista epistemológico, não lhe é indiferente um ou outro enunciado e desejará, talvez, defender certa forma de vida combatida pelo anarquista político ou religioso, mantendo ou alterando seus objetivos e estratégias, na dependência do argumento, do tédio, de uma experiência de conversão ou de outros fatores de ordem emocional e de força persuasiva. O anarquista epistemológico não se recusará a examinar qualquer concepção, seja por admitir que, por trás do mundo tal como descrito pela ciência, possa ocultar-se uma realidade mais profunda, seja por admitir que as percepções possam ser dispostas de diferentes maneiras e que a escolha de uma particular disposição “correspondente à realidade” não será mais “racional” ou “objetiva” que outra (Feyerabend, 1977, cap.XVI).

O “anarquismo epistemológico” situa-se numa rede de pressupostos epistemológicos, ontológicos, humanistas e pedagógicos, colocada numa perspectiva mais ampla da questão do *conhecimento*, das relações *sujeito/objeto*³, *ciência/não-ciência*. Desse modo, a discussão da “racionalidade da ciência” passa a integrar a da *racionalidade maior* da vida do homem e de suas decisões comunitárias, explorando as relações da ciência com outras maneiras de elaborar cosmovisões, e apresentando-a, na *educação* dos cidadãos e nas relações entre os diversos grupos e instituições, como *uma das possíveis* formas de vida, sem prerrogativas especiais. Vê o mundo que desejamos explorar como uma entidade em grande parte desconhecida. Concebe o *conhecimento* como sendo não um gradual aproximar-se da verdade:

“É, antes, um oceano de alternativas mutuamente incompatíveis (e, talvez, até mesmo incomensuráveis), onde cada teoria singular, cada conto de fadas, cada mito que seja parte do todo força as demais partes a manterem articulação maior, fazendo com que todas concorram, através desse processo de competição, para o desenvolvimento de nossa consciência. Nada é jamais definitivo, nenhuma forma de ver pode ser omitida de uma explicação abrangente” (Feyerabend: 1977, p.40-41).

³ Feyerabend critica o desiderato de *objetividade* do *racionalismo*. Diz que nenhum dos autores que defendem *standards* “objetivos” explicam o que esta palavra significa. Os popperianos por vezes conectam objetividade com verdade e chamam de “objetivas” as comparações entre teorias apenas se baseadas numa comparação do *conteúdo de verdade*. Chamam os *standards* remanescentes de “subjetivos” (Feyerabend: 1981, nota 17, p.238). Sua posição é a de que “há muitas e complexas interações entre ‘sujeito’ e ‘objeto’ e muitas maneiras pelas quais um desemboca no outro.” (Feyerabend, 1981 : p.2.) Diz: “É possível conservar o que mereceria o nome de liberdade de criação artística e usá-la amplamente, não apenas como trilha de fuga, mas como elemento necessário para descobrir e, talvez, alterar os traços do mundo que nos rodeia. Essa coincidência da parte com o todo (o mundo em que vive), do puramente subjetivo e arbitrário com o objetivo e submisso a regras, constitui um dos argumentos mais fortes em favor da metodologia pluralista” (Feyerabend: 1977, p.71).

Vê a ciência construída no acesso ao mundo, como um modo de conceber essa entidade, dando-lhe sentido, admitindo (1) que a *coisa* e a compreensão de uma *idéia correta* dessa coisa “são, muitas vezes, partes de um único e indivisível processo” (Feyerabend: 1977, p.32), (2) que não há “fatos nus”, estando os fatos sempre sujeitos à “contaminação” fisiológica e histórico-cultural da evidência (Feyerabend: 1977, cap.V), (3) que a História seja um labirinto de interações e (4) que a educação científica de seus atores seja conciliada com uma “atitude humanista”, libertadora, de vida completa e gratificante, junto à “tentativa correspondente de descobrir os segredos da natureza e do homem” (Feyerabend: 1977, p.22).

Todavia, antes que um ideário, o “anarquismo epistemológico” é uma atitude refletida na própria estratégia utilizada por Feyerabend em sua defesa e na crítica da postura adversária, o *racionalismo*. Mas o que cabe entender por “racionalismo”?

3 - ‘RACIONALISMO (CRÍTICO)’.

A crítica de Feyerabend ao *racionalismo* encontra *locus* privilegiado em sua análise do desenvolvimento da *ciência* na cultura ocidental, remontando a uma peculiar tradição de concepção do *conhecimento*, calcado na admissão de “umas poucas idéias abstratas e independentes da situação”, por meio das quais são geradas “estórias” (“provas”, “argumentos”), cuja trama “segue da” natureza das coisas mesmas, exibindo, assim, *objetividade* e dando lugar a apenas uma estória aceitável” (a *verdade*)⁴. Contemporaneamente, vê essa tradição corporificada nos padrões metodológicos do *racionalismo crítico* de Popper e na sua abertura mais liberal representada pela *metodologia dos programas de pesquisa* de Lakatos.

Feyerabend condena o *racionalismo crítico* como sendo tanto “incorreto” para dar conta do desenvolvimento da ciência (é este o ponto a que vamos nos ater), como “indesejável” para uma vida gratificante. Contesta cada uma das suas regras metodológicas (Feyerabend: 1977, cap.XV). Alega que, frequentemente, instituições, *idéias* e práticas desenvolvem-se a partir de atividades sem importância. A *formulação clara do problema* é parte daquele processo de mútua clarificação da *coisa* e da *idéia correta* da coisa. Comparte as críticas de Lakatos (1979) a um *princípio estrito (ingênuo) de falseamento*. Critica a exigência de conteúdo crescente (excedente) ou de *crescimento empírico*, atribuindo sua pretensa aferição a uma *ilusão epistemológica*: “o aparato conceitual da teoria, que emerge lentamente, logo começa a definir seus próprios problemas, sendo esquecidos ou postos de lado como irrelevantes os problemas, os fatos, as observações anteriores” (Feyerabend: 1977, p.275). Problemas, fatos e observações anteriores podem ser trazidos à esfera da nova teoria através de recursos *ad hoc*, redefinição de termos ou simples afirmação da decorrência de seu núcleo dos novos princípios básicos.

Apesar de suas convergências, Feyerabend estende sua crítica à “face conservadora” da proposta de Lakatos. De um lado, Lakatos mostra que não há razões lógicas ou empíricas que possam decretar o *falseamento conclusivo* de um programa. Programas em degeneração podem se recuperar. Segundo Feyerabend, quando Lakatos permanece consistente com suas próprias *regras*, ou seja, com o *racionalismo* liberal que apregoa, seu racionalismo é um *anarquismo disfarçado*; quando, porém, afastando-se de suas *regras*, de seu liberalismo, admite a coerção prática, dá lugar a uma “ideologia conservadora”, divergindo do “anarquismo”. Feyerabend, porém, diz que, no nosso atual estágio de consciência filosófica, essa ambiguidade do “racionalismo” de Lakatos faz mais pelo “anarquismo” que sua defesa ostensiva e que ao concluir seu livro, ele próprio declarar-se-á um lakatiano (Feyerabend: 1977, cap.XVII).

Sob esse enfoque, podemos entender a *razão* criticada por Feyerabend como a faculdade pela qual os padrões daquela tradição se exercem, traduzindo-se em *obediência a regras fixas e a padrões*

⁴ O alvo fundamental de sua crítica é o caráter estático da *racionalidade* em que se baseia tal tradição. Desacredita a imponência de uma teoria da ciência que aponte a tais padrões e regras e se pretenda autorizada por alguma *teoria da racionalidade* do fazer científico (Feyerabend, 1987), por algum princípio único de legitimação e organização. Caso não possamos resistir à tentação de buscar um princípio (meta-metodológico) que seja aplicável a todas as situações (ou contextos), concede, um tanto ironicamente, que o único seria o princípio *tudo vale* (Feyerabend, 1977, cap.I; 1993, p. VII).

imutáveis, estabelecendo e submetendo-se a algo como “o” método, concentrado, na sua versão contemporânea mais fiel, nas seguintes regras: 1. *Só aceitar hipóteses que se ajustem a teorias confirmadas ou corroboradas*; 2. *Eliminar hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos*.⁵

4 - ESTRATÉGIA ANARQUISTA.

Em sua crítica ao “racionalismo”, Feyerabend segue uma estratégia anarquista. Não pretende fornecer uma nova metodologia ou uma nova teoria da racionalidade, mas convencer o leitor de que “todas as metodologias, mesmo as mais óbvias, têm limitações” (Feyerabend: 1977, p.43). Como procede? Subjacente à narrativa/argumento de *Contra o Método* pode-se encontrar uma estratégia desenvolvida em duas frentes que se prestam mútuo suporte. De um lado, busca-se implodir a posição do adversário. Lutando em seu campo e com as suas armas, mostra-se “a irracionalidade do racionalismo⁶”, uma vez que suas regras, levadas às suas últimas consequências, dentro da própria esfera lógica e epistemológica em que se alicerçam, tornam-se auto-destrutivas, inviabilizam o alcance de seus objetivos e conflitam com os fundamentos que as suportam. De outro lado, mostra-se a razoabilidade das *contra-regras* do “irracionalismo”, com base na praxis científica.

Dada a “contaminação” histórica e fisiológica da evidência, admitida mesmo por posições racionalistas como a de Popper e de Lakatos, a condição de coerência encerrada na regra 1: *Só aceitar hipóteses que se ajustem a teorias confirmadas ou corroboradas*, impede a exploração da evidência. Alimenta uma visão conformista e dogmática, de preservação do *status quo*, e supõe uma autonomia da própria experiência, uma vez que, tornando irrelevante a exploração de alternativas teóricas para o acesso a ela, supõe que, independentemente da teoria que a condiciona, a experiência seja capaz de revelar-se, tornando-se “a” medida para o conteúdo empírico de uma teoria (Feyerabend: 1977, cap. III). Por sua vez, a regra 2: *Eliminar hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos*, se observada, nos deixaria sem qualquer teoria, dado o desacordo tanto quantitativo como qualitativo que toda a teoria exhibe com relação aos fatos de seu domínio. Para avaliar tais discordâncias, bem como permitir a exploração da evidência, escavando as ideologias subjacentes (Feyerabend: 1977, cap. V) para discuti-la criticamente, torna-se indispensável o trabalho com alternativas teóricas conflitantes - “não podemos descobrir o mundo a partir de dentro. Há necessidade de um padrão externo de crítica: precisamos de um conjunto de pressupostos alternativos” (Feyerabend: 1977, p.42).

De outro lado, Feyerabend mostra a “razoabilidade do irracionalismo”, viabilizando o progresso da ciência, em qualquer uma das acepções que lhe seja emprestada (Feyerabend: 1977, cap.II), através da “razoabilidade” das *contra-regras* (opostas às regras do racionalismo) que o caracterizam: 1. *Introduzir hipóteses que conflitem com teorias confirmadas ou corroboradas*; 2. *Introduzir hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos*.⁷ Tais *contra-regras* revelam-se (1) necessárias à exploração da evidência e discussão crítica pretendidas pelas regras do racionalismo e (2) “corroboradas” pela práxis científica, como pode ser visto no estudo do caso da defesa da doutrina copernicana e introdução de uma nova Física por Galileu (Feyerabend: 1977, caps.VI-XIII).

Esse estudo de caso revela como a nova teoria, a de Copérnico, admitindo o movimento da Terra, conflitava com teoria e fatos aceitos e bem estabelecidos, a teoria aristotélica, essa com uma sólida epistemologia, ontologia e bem sucedida administração do *senso comum*, provendo-lhe o requerido suporte empírico. A estratégia para a defesa da nova visão demandou a substituição do padrão sensorial e linguístico-conceitual vigente, atingindo diferentes estratos da experiência, desde uma nova teoria da sensação e da percepção (que deveria ser acompanhada de “razão”, com o uso de um “sentido superior” - o telescópio), até uma nova concepção do movimento e da própria experiência. Consistiu em, primeiro, garantir espaço à nova teoria, com um movimento inicial de recuo, evitando o

⁵ Essas regras, segundo Feyerabend, expressam a “essência do empirismo” e do *indutivismo* (Feyerabend, 1977, capítulos I e II). Assim, em que pesem as críticas de Popper ao *indutivismo*, compartilha o *empirismo* desse, ao tomar a experiência como “o” árbitro para a aceitabilidade (via falseamento) de nossas teorias.

⁶ O passatempo favorito do anarquista é “perturbar os racionalistas, descobrindo razões fortes para fundamentar doutrinas desarrazoadas” (Feyerabend, 1977 : p.293).

⁷ Se as regras do “racionalismo” representarem a essência do “indutivismo” as *contra-regras* representarão o que se pode chamar de “contra-indução”.

confronto direto com a teoria aristotélica e neutralizando o apoio da evidência disponível, apelando não só a argumentos, mas à propaganda, a razões eventuais e procedimentos para os quais Galileu não dispunha de “boas razões”, como o do uso do telescópio. Posteriormente, os novos padrões orientaram a busca da evidência favorável ao novo sistema, com o desenvolvimento de hipóteses (ciências) auxiliares, novos instrumentos e procedimentos, ao qual serviram recursos “proibidos” pelas regras d’o” método, como uso de adaptações *ad hoc*, afastamento da evidência contrária e privilégio à evidência corroboradora.

5 - NOVOS QUESTIONAMENTOS: (UMA NOVA RACIONALIDADE?)

A análise questiona certos pontos cruciais, como as supostas distinções entre “observacional/teórico”, “história da ciência/filosofia da ciência” e “contexto-de-descoberta / contexto-de-justificação”, com um sólido ponto de ataque no material histórico e em seus *estudos de caso*⁸. Nesse elenco, desponta a questão da “incomensurabilidade” de teorias⁹, ponto nevrálgico das polêmicas acerca da “mudança na ciência” e alvo central da discussão sobre sua “racionalidade”. A “incomensurabilidade” - estreitamente relacionada à “ilusão epistemológica” de *crecimento empírico* - não só fere as pretensões de um conjunto único de regras ou princípios, a presidir a caracterização e o progresso da ciência, como *contextualiza* a própria “racionalidade científica”, qualquer que seja o sentido a ela atribuído.

Por “incomensurabilidade” de teorias Feyerabend entende sua incomparabilidade, “pelo menos na medida em que estão em jogo os padrões mais familiares de comparação”, notadamente os de comparação das classes de consequências das teorias em questão, quando o uso de qualquer conceito de uma deve tornar inaplicáveis os conceitos da outra (Feyerabend: 1979, p.271-274). A *incomensurabilidade* está estreitamente relacionada ao *significado* e depende do modo como sejam interpretadas as teorias científicas. A mera diferença conceitual não é suficiente para tornar duas teorias incomensuráveis¹⁰. A *incomensurabilidade* coloca-se para uma interpretação que as conceba pretendendo dizer algo acerca da constituição ontológica do mundo e tem lugar quando estão em jogo teorias *compreensivas*, que abrigam diferentes fundamentos ontológicos, delimitando âmbito dos fatos possíveis e possíveis interrogações (Feyerabend: 1977, p.276).

Arrola três teses centrais a favor da *incomensurabilidade*: a existência (1) de esquemas de pensamento incomensuráveis entre si, (2) de estágios incomensuráveis no desenvolvimento da percepção e do pensamento no indivíduo (reportando-se a Piaget), (3) de princípios ontológicos condicionantes das ideologias subjacentes a culturas diversas que impedem, *tornam sem sentido*, determinados sistemas conceituais e que agem à base das cosmovisões encerradas nas nossas teorias científicas. Para empreender a investigação semântica de um teoria, propõe que se proceda como um antropólogo ao estudar a cosmologia de uma tribo, aprendendo sua linguagem e informando-se dos seus hábitos sociais básicos, identificando as idéias-chave e, então, *entendendo-as*, interiorizando-as, sem buscar “traduções” prematuras¹¹, antes de decidir acerca da sua possibilidade (Feyerabend: 1977, cap. XVII)¹².

⁸ "O argumento abstrato é imprescindível porque imprime *sentido* à nossa reflexão. A história, entretanto, é também imprescindível, ao menos no atual estágio da filosofia, porque dá *força* a nossos argumentos" (Feyerabend: 1977, p.244).

⁹ Esse é um dos traços mais característicos da análise de Feyerabend e que o aproxima de Kuhn (1979).

¹⁰ Feyerabend, em nota de pé-de-página (Feyerabend: 1981, v.2, p.154), diz que Kuhn ocasionalmente descuida desse ponto.

¹¹ Algo similar à aprendizagem da língua materna ou de outras línguas pelas crianças, que não se processa via "tradução". Feyerabend (1979) e Kuhn (1979) examinam detidamente a questão da incomensurabilidade em termos de "tradução de linguagens".

¹² À objeção: como falar da própria *incomensurabilidade* de duas teorias, caso ela exista, sem comensurá-las? cabe lembrar as ressalvas de Feyerabend quanto a não podermos dizer que *diferentes* teorias sejam, por essa única razão, *incomensuráveis*, e que o sejam sob qualquer aspecto. Devem ser teorias *compreensivas* e interpretadas de uma determinada maneira, atentando à constituição ontológica e estabelecendo princípios ontológicos conflitantes. Mesmo assim, ainda podem ser comparadas, com os alcances e limites de uma tradução linguística, como a de um idioma nativo numa língua européia: "O que não quer dizer que essa língua, *tal como falada, independentemente da comparação*, seja comensurável com o idioma nativo. Significará que as línguas podem *orientar-se* em muitas direções e que a compreensão independe de qualquer particular conjunto de regras" (Feyerabend: 1977, p.376).

Responde à objeção de que a *incomensurabilidade* impede a refutação ou escolha de teorias por razões empíricas, afirmando que há comparação, mesmo comparação *objetiva*, mas que essa comparação é um procedimento muito mais complexo e delicado do que os racionalistas o supõem (Feyerabend: 1981, p.238). Lembra que cabe exigir de uma teoria o que ela promete explicar e que as previsões que estabelece comumente dependem de seus enunciados e também das condições iniciais, podendo ser contradita pela experiência. Certamente nos decidimos entre teorias - dentro de um mesmo ponto-de-vista cosmológico, são possíveis juízos de verossimilitude; no caso de diferentes pontos-de-vista cosmológicos abrangentes, cabe considerar contradições internas às teorias estabelecidas, juízos estéticos, de gosto, preconceitos metafísicos, aspirações religiosas, a ciência devolvendo ao indivíduo uma liberdade que ele parece perder quando em suas partes mais vulgares (Feyerabend, 1977 : p.412).

Tais questionamentos repercutem na questão da *racionalidade*. O desvelamento da ciência, expondo-a em seus mecanismos ditos *irracionais* (à luz das *regras do racionalismo*) - desmistificando o “conto de fadas” de que a ciência não é mera ideologia, mas medida objetiva de todas as ideologias (Feyerabend: 1977, cap.XVIII) - acaba sendo o meio pelo qual se revela o caráter democrático da ciência na sua dinâmica interna¹³ e fazendo com que qualquer decisão pela ciência seja muito mais *racional*, calcada na visão esclarecida e sopesada de *razões*. Conclui *Contra o Método*, dizendo: “a racionalidade de nossas crenças se verá consideravelmente acentuada” (Feyerabend, 1977: p.466.). Tal “conclusão” deixa aberta a porta para se pensar o questionamento das relações entre *razão* e *anti-razão*¹⁴, que se encontra à base da análise da ciência feita por Feyerabend, nos termos de uma *nova racionalidade*, vindo ao encontro de sua visão permanentemente questionadora, “inconformada”, com relação a seu próprio pensamento, dando a esse novas e penetrantes versões ao longo de sua trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.
- _____. *Science in a Free Society*. London: NLB, 1978.
- _____. Consolando o especialista. In: Lakatos, I & Musgrave, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- _____. *Philosophical Papers*. v.2. London: Cambridge University Press, 1981.
- _____. *Adiós a la razón*. Madrid : Tecnos, 1987.
- _____. *Against Method*. London / New York: Verso, 1993.
- _____. *Farewell to Reason*. London / New York: Verso, 1994.
- _____. *Killing Time: the Autobiography of Paul Feyerabend*. Chicago / London: The University of Chicago Press, 1995.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- _____. Reflexões sobre os meus críticos. In: Lakatos, I. & Musgrave, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo : Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa. In: Lakatos, I. & Musgrave, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo : Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- _____. *Historia de las ciencias y sus reconstrucciones racionales*. Madrid : Tecnos, 1987.

¹³ “No fundo, pouquíssima diferença há entre o processo que leva ao anúncio de uma nova lei científica e o processo de promulgação de uma nova lei jurídica: informa-se todos os cidadãos ou os imediatamente envolvidos, faz-se a coleta de 'fatos' e preconceitos, discute-se o assunto e, finalmete, vota-se” (Feyerabend: 1977, p.457.)

¹⁴ Trazendo para seu *anarquismo epistemológico* as palavras de Hans Richter sobre o dadaísmo, cita Feyerabend: “A compreensão que razão e anti-razão, sentido e sem sentido, intenção e acaso, consciência e não-consciência [e, acrescentaria eu, humanitarismo e anti-humanitarismo] são, em conjunto, partes necessárias de um todo {...}.” (Feyerabend: 1977, p.294.)

POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo : Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1975a.

_____. *Conhecimento objetivo*. Belo Horizonte : Editora Itatiaia / São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1975b.

REGNER, A. C. Feyerabend / Lakatos: 'adeus à razão' ou construção de uma nova racionalidade? In: Portocarrero, V. (org.) *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: abordagens*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.